

Iconografia

Iconografia

Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão: a etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural

Antonio Brand

Junto à manifesta tendência à mundialização ou à globalização, ressalta hoje um outro fenômeno igualmente abrangente, a emergência e maior visibilidade de povos e culturas, que têm se traduzido, em muitos casos, num acirramento de conflitos nos quais o pertencimento étnico aparece como fator fundamental, decorrente da dificuldade de “gerenciamento” dessa crescente diferença, que vem marcando todos os espaços da sociedade.

Apesar do esforço secular dos Estados Nacionais em promover a integração das populações indígenas, mediante políticas agressivas de “nacionalização”, ou de negação das especificidades étnicas, estas crescem demograficamente e afirmam-se, politicamente. É o que verificamos no Brasil, após cinco séculos de agressiva política de integração. Os povos indígenas ressurgem e afirmam-se no cenário nacional, a partir da década de 1970, o que os levou a expressivas vitórias na Assembléia Constituinte de 1988.

O novo texto constitucional excluiu qualquer proposta de integração compulsória dos povos indígenas, garantindo-lhes o direito à diferença e abrindo uma importante e inédita brecha no arcabouço legal brasileiro. Dessa forma, passados 500 anos, embora aproximadamente 85% das línguas indígenas tenham desaparecido, o Brasil é ainda hoje o país sul-americano com a maior densidade lingüística e étnica.

Historiador. Coordenador do Seminário Fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão o desafio da interculturalidade e da equidade.

E, nesse quadro, destaca-se o estado de Mato Grosso do Sul, com significativa população indígena. Vivem aqui os Kaiowá e Guarani, os Terena, os Kadiwéu, os Guató e os Ofaie. Os Kaiowá e Guarani e os Terena apresentam o maior contingente populacional, sendo que os dois primeiros juntos somam 25 mil pessoas e os Terena 20 mil. A identidade étnico-cultural não é uma realidade muda, mas perpassa, crescentemente, todos os espaços de comunicação da sociedade. Hoje, os povos indígenas estão cada vez mais próximos, freqüentando os mesmos espaços públicos e privados.

As fotos a seguir, retratando cenas do cotidiano dos índios Terena, em Campo Grande, MS, sinalizam exatamente esta realidade. Residem em bairros da cidade, transitam pelos mesmos espaços públicos, freqüentam universidades, participam de atividades comerciais. Seguem, no entanto, com sua identidade étnica e seguem, também, sendo discriminados por isso mesmo. Essa questão vem bem expressa no depoimento do professor Wanderlei Dias, índio terena da aldeia Limão Verde (ver nesse número *Seção Documentos*). Afirma ele que “a gente tem que conciliar todo esse mundo globalizado, mas sem perder as nossas noções, essa unidade psicológica e social que nos une enquanto Terena”.

Apesar dos avanços no que se refere aos seus direitos explicitados no novo texto constitucional e da maior visibilidade que os povos indígenas alcançaram, seus direitos fundamentais à terra e à diferença seguem sendo atropelados, persistindo a sobreposição das fronteiras étnicas com as fronteiras da exclusão.



Foto: Oscar F. Coiado Jr.

População Terena. Feirinha, Campo Grande-MS.



Foto: Oscar F. Coiado Jr.

População Terena. Feirinha, Campo Grande-MS.



Foto: Oscar F. Coiado Jr.

População Terena. Feirinha, Campo Grande-MS.



População Terena. Aldeia urbana Marçal de Souza, Campo Grande-MS.



População Terena. Aldeia urbana Marçal de Souza, Campo Grande-MS.



População Terena. Aldeia urbana Marçal de Souza, Campo Grande-MS.



População Terena. Aldeia urbana Marçal de Souza, Campo Grande-MS.